

Análise Hermenêutica de Mateus 7.24-27

Tiago Abdalla Teixeira Neto

1. Considerações Introdutórias

Primeiramente, é necessário compreender aspectos introdutórios que cercam o livro onde se encontra o texto da presente análise. O evangelho desde cedo, no século II, fora aceito pela tradição cristã como tendo sido escrito pelo apóstolo Mateus. A expressão “Estando Jesus em casa ...” (Mt 9.10) após a chamada para que Mateus, o cobrador de impostos, o seguisse, tem sido apontado como evidência interna da autoria do apóstolo, já que o texto paralelo de Marcos 2.15 aponta a casa como sendo a de Mateus. Sendo assim, o texto de Mateus 9.10 seria entendido como “Estando Jesus em minha casa”, indicando que Jesus estava comendo na casa do autor do evangelho.

A data para o evangelho dentro do círculo conservador tem sido indicada entre 50-60 A.D, antes da queda de Jerusalém, pois não se vê indicações de que tal acontecimento já ocorrera e pelo apontamento de que este ainda era futuro da perspectiva do próprio autor (Mt 24.2). Além disso, a ênfase na defesa da messianidade de Cristo como tonos do livro requer uma época onde a igreja era, ainda, como parte considerável, judaica.

Os destinatários, portanto, eram judeus (isto é, ainda, ratificado pelos testemunhos de Ireneu e Orígenes), e o autor do livro busca mostrar a esses cristãos de que ao serem em Jesus, não estavam traindo os ideais do povo de Deus, mas, ao contrário, o próprio Jesus era o cumprimento messiânico das profecias encontradas nas Escrituras (1.22-23; 2.15, 17-18, 23; 4.14-16; 8.17; 12.17-21; 13.35; 27.9-10). E não somente desenvolve uma apologia, como esclarece o plano de Deus, tendo em vista a rejeição judaica, para o reino na presente era, enquanto este não fosse implantado de modo pleno pela vinda do Messias, o “Filho do Homem” (cf. 28.16-20; quanto ao estabelecimento do reino de maneira completa, ver 24 - 25).

Em segundo lugar, é preciso compreender de modo sucinto a ênfase da seção do livro em que o texto se acha. Tal seção pode ser demarcada entre Mateus 5.1 – 7.29 e conhecida como o “Sermão do Monte”. É geralmente aceito pela maioria dos comentaristas e o próprio texto evidencia isto, que o propósito desta narrativa se dá em mostrar Jesus, o Rei, instruindo seus discípulos, os súditos do reino de Deus, acerca dos

princípios que deveriam dirigir suas vidas (Mt 5.1-2). Portanto, é neste contexto de ensinamentos acerca da vida ética requerida dos cidadãos do reino de Deus que o texto deve ser entendido.

2. Análise de Mateus 7.24-27

Como muitas das parábolas, este texto é esclarecido pelo contexto que o cerca. Sendo assim, faz-se mister analisá-lo para uma interpretação correta do propósito pelo qual Mateus inseriu tal ilustração de Jesus nesta parte de seu escrito.

O presente parágrafo vem em seguida de vários contrastes estabelecidos por Jesus que são introduzidos pela afirmação de 7.12: “Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos *façam, fazei-o* vós a eles, pois esta é a Lei e os Profetas” (BJ - Bíblia de Jerusalém, grifo pessoal). A partir de então, Cristo enfatiza o desafio e o valor de se viver (isto é, fazer, praticar) tal como as suas instruções dadas ao longo de todo o “Sermão do Monte” que estão em total conformidade com a Lei e os Profetas (Mt 5.17-19). O primeiro contraste tem como propósito mostrar a dificuldade de viver a ética do reino, mas também, a recompensa que se encontra àqueles que fazem parte dele. Isto aparece ao destacar as diferenças entre a porta *estreita* e caminho *apertado* com o caminho *largo e espaçoso*, entre os *poucos* que encontram o primeiro caminho e os *muitos* que entram pelo segundo. Os destinos, também, aparecem com contrastes entre a *vida* como o fim do primeiro grupo e a *perdição* do segundo grupo (7.13-14). É necessário observar que a ênfase de Jesus não está nas obras como meio de salvação, mas sim, que aqueles que “encontraram” a porta estreita, difícil de achar, do caminho que conduz a vida, pagariam um alto preço em sua jornada.

Em seguida, inicia-se o alerta a respeito dos falsos profetas que são uma ameaça àqueles que procuram encontrar o caminho estreito e por ele seguir. O modo como os discípulos reconheceriam tais pessoas é indicado, novamente, por dois antagonismos que são árvore *boa* e frutos *bons* com árvore *má* e frutos *maus* (7.15-20). Além disso, estes enganadores não entrariam no reino dos céus, pois há uma diferença eterna entre o *mero discurso* de submissão a Cristo e a *realidade prática* da obediência a Ele (7.21-23), ficando nítido que não encontraram a porta estreita, nem por ela entraram. Por mais que tivessem feito vários atos sobrenaturais, isto por si só não lhes garantiria a vida, visto que a demonstração de que realmente sua fé estava em Cristo se dava pela escolha de fazer a vontade de Deus, o que não ocorreria.

Diante do valor de não apenas professar submissão a Cristo, mas também, praticar a vontade de Deus é que Jesus usa a ilustração dos dois construtores e das duas casas em 7.24-27. A partícula pospositiva γὰρ (*pois, portanto, então*) indica isto. Além do que, o próprio Cristo anuncia tal fato, ao introduzir cada quadro, dizendo “todo aquele que *ouve essas minhas palavras* e as *põe em prática* será comparado ao ...” (v. 24, BJ) e “todo aquele que *ouve essas minhas palavras*, mas *não as pratica*, será comparado ao ...” (v. 26, BJ). Sendo assim, pode-se inferir que as palavras de Cristo, ou seja, o ensino de Cristo é o mesmo que “... a vontade de meu Pai que está nos céus” (7.21, BJ), pois a submissão prática a Ele só é possível quando se realiza a vontade de Deus (7.21-23), deixando muito claro a autoridade do ensino de Cristo, o que foi logo percebido pelas multidões que o ouviram (7.28-29).

Os contrastes, mais uma vez, se encontram nesta seção. São nítidos e óbvios. O que *ouve e pratica* e o que *ouve e não pratica*, o construtor *sábio* e o construtor *louco*, a casa construída sobre a *rocha* e a casa construída sobre a *areia*, a que está sobre a rocha *não cai* diante das pressões naturais e a que está sobre a areia *cai*, sendo grande a sua ruína.

Isto posto, o homem *sábio* é aquele que *ouve* as palavras de Jesus e constrói a “casa”, isto é, sua vida, obras e realizações, baseada sobre a Pessoa e o ensino dEle que é a “rocha”. As adversidades naturais como a chuva que cai, as enxurradas dos rios que transbordam e o sopro dos ventos devem significar dentro do contexto próximo exposto acima, o juízo de Deus (ver “perdição” e “vida” em 7.13-14; o corte e lançamento ao fogo da árvore que não produz fruto em 7.19; e a menção a “naquele dia” em 7.22), onde claramente suas obras serão manifestas e ficará demonstrado que sua vida fora construída sobre a Pessoa e o ensino de Cristo, por isso, “não caiu, porque estava alicerçada na rocha” (v. 25, BJ). Então, o destino de tal homem será a “vida” (7.14).

Já o outro construtor é *louco*, pois ouvira as palavras de Cristo acerca da perdição que aguarda os que decidem andar no caminho “largo” e “espaçoso” e, mesmo assim, construiu sua casa, obras e realizações, sobre a “areia”, ou seja, qualquer outro modo de vida que não aquele proclamado por Cristo. Talvez ao construir sua “casa”, este homem “profetizava”, “expulsava demônios” e “realizava milagres”, tudo em nome de Jesus. Vindo, porém, o juízo de Deus (a chuva, as enxurradas, o sopro dos ventos), ficou claro que sua casa não estava construída sobre Cristo e Suas palavras e, então,

“desabou”. “E foi grande a sua ruína”, pois só restava a “perdição”, uma vida eternamente longe de Cristo por sua prática iníqua (7.23).

Este texto é por demais relevante para a igreja moderna, porque mostra que a vida cristã deve ser alicerçada sobre a Palavra de Cristo. Uma fé genuína demonstrará uma vida compatível com o que Deus quer de seus filhos. A busca por uma viver justo, que ama tanto o irmão quanto o inimigo (Mt 5.20-26, 43-48), que não permite ao seu coração guardar desejos impuros a respeito de uma mulher ou homem que não sejam seus cônjuges (Mt 5.27-29), que diz não ao divórcio e sim ao casamento (Mt 5.31-33), sendo íntegro em cumprir o que fala (Mt 5.33-37), cultivando uma vida de piedade discreta e sincera sem a busca de chamar a atenção para si (Mt 6.1-6, 16-18), submetendo suas ambições e desejos a Deus (Mt 6.19-34), se preocupando em olhar para a sua própria vida antes de observar as falhas dos outros (Mt 7.1-5), deve ser o alvo da igreja no seu dia-a-dia.

Não são experiências “sobrenaturais” que provarão uma vida com Cristo. Hoje se procura muito os milagres, o chamado “ato profético”, a sessão do descarrego, a cura do caroço, mas pouco se ensina que isto em nada prova um conhecimento de Jesus (7.23). A grande verdade é que muitos que correm para lá e para cá, buscando alguma experiência diferente, podem estar mais longe da porta estreita do que estavam antes de dar ouvidos a esses falsos profetas. Estão construindo suas vidas, mas não na intimidade com a Pessoa de Cristo e, sim, com mentiras que um dia cederão e será tarde demais para escolher o alicerce correto.

O desafio da comunidade do reino é viver uma vida alicerçada sobre Cristo, dizendo não ao engano e ouvindo atentamente a Palavra de Deus, a fim de colocá-la em prática. Então, chegará o momento em que tal realidade será comprovada e, assim, haverá o desfrute eterno da verdadeira vida.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABBA PRESS EDITORA. *Os quatro evangelhos*. São Paulo: Abba, 2005.

DAVIDSON, F. *O Novo Comentário da Bíblia*. 3 ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento grego/português*. São Paulo: Vida Nova, 1984.

HARRISON, Everett (Edit.). *Comentário Bíblico Moody*. São Paulo: IBR, 1983. v. 4.

PINTO, Carlos Osvaldo. *Teologia Bíblica do Novo Testamento I*. Atibaia, SP: SBPV (Seminário Bíblico Palavra de Vida), 2000. (Apostila preparada para a disciplina de Teologia Bíblica do Novo Testamento 1).

STOTT, John W. *Contra cultura cristã*. São Paulo: ABU, 1981.

UNITED BIBLE SOCIETIES. *The greek New Testament*. 4.ed. USA: United Bible Societies, 1983.